

O TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: ENTRE A PRECARIIDADE E EMANCIPAÇÃO

Eixo temático: Movimento operário e organização de classe: lições da história e perspectivas de emancipação

Ana Karina da Silva Alves¹
Frederico Jorge Ferreira da Costa²

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o surgimento do trabalho dos catadores de materiais recicláveis e a importância da economia solidária para o fortalecimento da categoria e de valores como autonomia, cooperação, solidariedade e organização desses trabalhadores, além da geração de renda e alternativa aos mecanismos de exclusão do capital. Com esse intuito, foi utilizada a pesquisa de natureza qualitativa, com recorrência aos materiais bibliográficos e documentais já produzidos a respeito das categorias apreendidas.

Palavras-chaves: Trabalho, cooperativismo e economia solidária.

ABSTRACT

This article aims to propose a reflection on the emergence of the work of waste pickers and the importance of the social economy to strengthen the category and values such as autonomy, cooperation, solidarity and organization of these workers, as well as generating income and alternative mechanisms of exclusion from capital. With this purpose, we used qualitative research, with recurrence materials bibliographic and documentary ever produced about the categories seized.

Keywords: Labor, cooperative and solidarity economy.

I - INTRODUÇÃO

A atividade de catação surge relacionada à quantidade e qualidade de resíduos produzidos, em decorrência do desenvolvimento industrial e comercial dos grandes centros metropolitanos. É visível o quanto esse fenômeno vem se acentuando nos últimos anos e o quanto é expressivo o número de trabalhadores que tem feito da atividade de catação, sua fonte de renda.

¹ Mestrado em Serviço Social, Trabalho e Questão Social - Universidade Estadual do Ceará UECE

² Doutor em Educação - Universidade Estadual do Ceará UECE

Devido às grandes taxas de desemprego, somente resta aos trabalhadores submeter-se às condições impostas pelo sistema capitalista. Neste sistema, o impulso ao lucro e a busca incessante pela acumulação de capital, gera a concorrência entre os capitalistas, que por sua vez, investem alto no aperfeiçoamento de suas máquinas, otimizando a produtividade, minimizando os custos e maximizando o lucro.

Com a diminuição do custo variável da produção (de acordo com Marx, 1985, é a parte do capital que se converte em força de trabalho e modifica o seu valor no processo de produção), reproduz o seu próprio equivalente e um excesso acima disso, mais-valia, que pode ela própria mudar, ser maior ou menor há um aumento do capital constante³, que por sua vez, provoca o aumento do trabalho informal com graves consequências aos trabalhadores, que são obrigados a se inserir no mercado de forma precária e insegura.

As relações econômicas e de produção, onde os valores de troca prevalecem sobre os valores de uso, constituem a base material da existência e, dentro da sociedade capitalista, oferecem pouca ou quase nenhuma oportunidade para atender as necessidades da classe trabalhadora que, desprovida dos meios de produção, vende sua força de trabalho para sobreviver.

Logo, nesse cenário da exploração do homem pelo homem, cuja, matriz está no trabalho, surge e predomina a desigualdade entre os homens, pois, uns produzem bens materiais e outros se apropriam desses bens e passam a viver o trabalho dos primeiros.

Cabe frisar, ademais que, as pessoas situadas num nível mais baixo da hierarquia do modo de produção, para satisfazer suas necessidades básicas, vitais, submetem-se a salários baixíssimos e são privados de satisfazer outras necessidades de níveis superiores.

Com base nesse entendimento, evidencia-se a contradição fundamental do sistema capitalista: ambição e busca pelo lucro que resulta na degradação humana, pois o assalariado vende sua força de trabalho pra sobreviver, ao passo que o capitalista a compra para enriquecer.

É dentro desse contexto estrutural que os atores sociais, ora estudados, devem ser vistos, pois, tornam-se reflexo de uma sociedade cada vez mais injusta, onde sofrem as consequências do crescente agravamento da questão social⁴.

³ O capital constante é definido por Marx (1985), como parte do capital que se converte em meios de produção. É, portanto a matéria-prima, matérias auxiliares e meios de trabalho.

⁴ Entende-se por questão social o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social,

É importante destacar, também que, não só o aumento do desemprego, mas também, o acelerado processo de urbanização propicia a elevação do número de trabalhadores que sobrevivem da atividade de catação, pois, nesse cenário, esta também se revela como alternativa fundamental para o destino do lixo.

Com isso, esse segmento ganha cada vez mais visibilidade, pois a atividade de catação está diretamente ligada à questão ambiental, tendo se apresentado como uma solução para a destinação e reutilização do lixo, que aumenta cada vez mais, à medida que a sociedade aumenta o padrão de consumo e de desperdício.

Nesse sentido, evidencia-se que produção e consumo estão intrinsecamente relacionados, pois de acordo com Marx (1982, p.8): “A produção é, pois, imediatamente consumo; o consumo é, imediatamente, produção. Cada qual é imediatamente seu contrário”.

Atualmente, os catadores são reconhecidos como categoria, mas começam como autônomos e muitos permanecem dessa forma, encontrando nessa atividade uma alternativa de sobrevivência, tendo em vista que as possibilidades de emprego estão cada vez mais escassas, principalmente para esse grupo.

Diante desse contexto e partindo do pressuposto de que as cooperativas e associações emergem como alternativas de sobrevivência e emancipação dos explorados no mundo do trabalho, este estudo buscou refletir sobre a importância dessa forma de organização coletiva para geração de renda e para o fortalecimento dos valores dos trabalhadores, como por exemplo, a autonomia, a cooperação e organização, ao mesmo tempo em que se apresenta como possibilidade de garantia dos direitos e de melhores condições de trabalho daqueles que estão excluídos do mercado formal.

II - A CATAÇÃO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA

Todas as reestruturações do capital contribuíram significativamente para um ambiente onde as relações trabalhistas são cada vez mais precarizadas e onde a informalidade surge como alternativa de sobrevivência dos trabalhadores em um sistema onde possam buscar por direitos e viver com dignidade. Nesse sentido, o trabalho dos catadores de materiais recicláveis está

enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada monopolizada por uma parte da sociedade. (IAMAMOTO: 2006).

inserido nas dimensões da precarização do trabalho disfarçado de estratégia de sobrevivência. Essas pessoas (homens, mulheres, crianças e idosos) trabalham de sol a sol, muitas vezes em condições subumanas, puxando uma carroça e percorrendo por vários pontos das Cidades.

Levam uma rotina extremamente cansativa que, segundo MAGERA (2003), [...] muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas; um trabalho exaustivo visto as condições a que estes indivíduos se submetem com seus carrinhos puxados pela tração humana (p.34). O referido autor relaciona o crescimento do número de catadores de materiais recicláveis com as exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho e também o aumento do desemprego. Esses trabalhadores por não participarem do mercado de trabalho formal e sobreviver dos restos que são descartados pela sociedade, também podem ser considerados agentes ambientais, mesmo que consciente ou inconscientemente, a partir da transformação de sua própria realidade e também da realidade da sociedade como um todo.

Assim, os catadores encontraram na coleta de lixo, uma alternativa e estratégia de sobrevivência, uma vez que, desprovidos da qualificação exigida pelo mercado, pelo menos tinham trabalho e renda e isso “parecia traduzir o seu ingresso no mundo dos normais (JUNCA, 2005, p.172). Importante ressaltar que o próprio lixo passa a ser mercadoria, com determinação de valor, e, a partir da sua comercialização é possível sua exploração. Conforme analisa MARX (1985, p. 94):

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os homens individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social.

Assim, o trabalho dos catadores materializado na mercadoria, que por sua vez, é a forma elementar da riqueza, conforme o pensamento de Marx, possui também um valor de troca. Através da atividade de catação informal de papéis e outros materiais encontrados nas ruas e lixões, os catadores de materiais recicláveis sustentam a indústria de reciclagem do Brasil e não são os principais beneficiados com o processo, apesar de serem os principais agentes da cadeia produtiva de reciclagem, pois:

O setor industrial é o maior beneficiado da reciclagem do lixo promovida pelos catadores e cooperativas de lixo no Brasil. É através do sucateiro, seu

intermediário e ‘comparsa’ que as indústrias ficam com o maior valor primário extraído dos catadores de materiais recicláveis. (MAGERA, 2005:41).

Os altos índices de reciclagem que ocorrem no Brasil, se dão devido à expressiva atuação dos catadores e de acordo com CURY (2004) apud GONÇALVES (2006), esses trabalhadores são responsáveis pela recuperação de 78% das latas de alumínio consumidas, 40% das embalagens de vidro, 25% de embalagens PET, 15% dos demais plásticos, 71% do papel ondulado e 16 % de papel de escritório.

De acordo com o IBGE, em pesquisa realizada em 2008, no Brasil há um total de 70.449 catadores, sendo que, 5.636 tem até 14 anos de idade e 64.813 possuem mais de 14 anos. De acordo com pesquisa de saneamento básico realizada em 2000 pelo mesmo órgão, são coletadas diariamente 125, 281 mil toneladas de resíduos domiciliares, e 52,8% dos municípios Brasileiros dispõem seus resíduos em lixões, estimando-se atualmente, que 1 em cada 1000 brasileiros é catador.

No Brasil, estima-se que 500 mil pessoas são catadores de materiais recicláveis (MEDEIROS; MACEDO, 2006). Segundo o Movimento Nacional Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), há uma estimativa de que haja cerca de dois milhões de catadores no país, mas apenas 200 mil desse total fazem parte do movimento. As condições de vida e de trabalho dessas pessoas são precárias, pois vivem em contato direto com o lixo e estão expostos diariamente a doenças, correndo riscos de acidentes. Isso por que eles não vêem outra forma de sobrevivência, então se submetem a horas exaustivas de trabalho e o material que coletam ao fim do dia, é vendido muitas vezes por um preço ínfimo que não garante seu sustento digno.

A imagem do catador de lixo é, além de impactante, muito desafiadora, pois explicita a pobreza e expõe-se dessa forma, provoca desconforto na sociedade, que trata este trabalhador como se ele fosse diferente dos valores e regras adotadas. Mesmo essa forma de trabalho sendo para muitos, degradante, é através dela que os catadores de materiais recicláveis obtêm alguma renda para prover o sustento de suas famílias e encontram nela, uma alternativa para o desemprego.

Ademais, a precarização e a própria falta do emprego interligam-se à crescente degradação das condições de vida e acentuam o grau de desigualdade desses trabalhadores, fazendo com que, em meio a esse quadro de desemprego, precarização e informalização das

relações de trabalho, as cooperativas e associações se apresentem como alternativas de inserção dos excluídos no mundo do trabalho, tendo em vista a geração de trabalho e renda.

III. A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE EMANCIPAÇÃO NO CAPITAL

No Brasil, o trabalho da catação tem sua origem na década de 50, entretanto, nessa época os catadores apresentavam-se como uma parcela esquecida e sem visibilidade para a sociedade, representavam apenas pessoas que saíam nas ruas coletando lixo para garantir o seu sustento.

Em 1999, os catadores começaram a se organizar politicamente, através do 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel e Material Reaproveitável, onde foi criado oficialmente o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), que objetiva garantir a independência e o protagonismo popular da classe. O Movimento tem como pautas reivindicatórias centrais a autogestão, a luta por direitos e a organização do trabalho dos catadores.

No ano de 2001, houve 1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis na cidade de Brasília, onde foi elaborada a Carta de Brasília. Em 2002, a ocupação de catador de material reciclável foi incluída na CBO - Classificação Brasileira de Ocupações.

Mesmo com todo o histórico de lutas desses trabalhadores ao longo dos anos, as conquistas em relação à formalização dos catadores não foram suficientes, pois muitos ainda trabalham na informalidade e sob condições precárias. Tudo isso por que o sistema capitalista gera e precisa dessa gama enorme de trabalhadores que são obrigados a se sujeitarem a condições cada vez mais precárias, Marx salienta que essa parte sobrança é fundamental para a reprodução do capital, como escreve abaixo:

A população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação de riqueza com base no capitalismo, complementando, ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele tivesse criado a sua própria casa. (MARX, 1985).

⁵ Silva (2006, p.10), afirma que de acordo com relatos orais, a catação no Brasil tem gênese na década de 50 sendo este trabalho, ampliado nas décadas posteriores devido ao aumento do desemprego.

Esses trabalhadores são peças fundamentais da cadeia de reciclagem, por isso continuam sendo explorados, mantendo-se na informalidade, sem garantias trabalhistas, sem reconhecimento social e, permeados pelo preconceito. Devido a todas as dificuldades em exercer seu trabalho com dignidade e de ter seus direitos garantidos, os catadores lutam para a constituição de políticas públicas destinadas para a atividade, bem como pelo reconhecimento efetivo desta como profissão.

Nessa perspectiva, os catadores passam a organizar-se em cooperativas, associações e, nas palavras de GONÇALVES (2005. P.18) “eles se juntam aos outros catadores para resistir à fragilidade relacional, criando associações e cooperativas para garantir o respeito aos seus direitos e por que não dizer, para garantir a vida”.

SINGER (2003, p.13) afirma que a economia solidária tende a desconcentrar a propriedade e a renda e a define como um modo de produção constituído por trabalhadores associados, que possuem em comum o capital que utilizam, formada, sobretudo por cooperativas que deveriam ser auto-gestionárias. Há que se sublinhar ainda, que, a autogestão contém um novo conceito no modelo: a gestão participativa que possibilita a eliminação dos papéis de patrão e empregado.

A legislação que apoia a formação do cooperativismo já se encontrava no artigo 174 da Constituição Federal. Par.2º - Lei 5.764/71 que surge, buscando reverter o quadro de desemprego e reunir os trabalhadores com o fim de fazer uma conexão entre o mercado e o trabalhador.

Essa conexão é permitida através do trabalho coletivo e a cooperativa é sua forma mais comum, pois os meios de produção estão nas mãos dos trabalhadores e sua gestão é, teoricamente, democraticamente conduzida por eles. Seu objetivo é associar pessoas para produzir e reproduzir meios de vida com base em relações de reciprocidade e igualdade. (CUNHA, 2003).

A promulgação da Lei n. 12.305/10, que estabeleceu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), tem o intuito de contribuir para que as cooperativas de manejo de resíduos sólidos urbanos constituam uma política pública de geração de trabalho e de renda.

Ressalta-se ainda, que os princípios do cooperativismo são: adesão voluntária; gestão democrática; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e interesse pela comunidade.

Cabe frisar que, conforme MEIRELES (2009), além de cooperativas ou associações, onde esses trabalhadores se organizam autonomamente no mundo precarizador da vida e das condições de sobrevivência, eles também se organizam através da venda de seu material para os deposeiros, donos de depósitos de sucata e materiais recicláveis. .

MÉSZÁROS, (2002), concorda que as cooperativas e associações de trabalhadores são experiências práticas de auto-organização dos trabalhadores, mas acrescenta que estas podem ser potencializadas numa conjuntura de transformação social que tenha em vista a transcendência do trabalho alienado.

Por conseguinte, conforme avaliam COELHO & GODOY (2011), essa organização coletiva do trabalho foi criada a partir da reflexão sobre a questão social, quando pensadores começaram a questionar sobre o funcionamento estrutural do capitalismo e os seus impactos no contexto social, formando, posteriormente, correntes de pensamento que buscavam refletir e prescrever saídas para essa situação legada aos trabalhadores, tida como insustentável.

SINGER (1998, 2000) também assinala que a formação desses empreendimentos é uma possibilidade de uma contrarrevolução socialista em curso. Em anuência com essa consideração, MESZÁROS (2002) complementa que, a organização coletiva do trabalho pode ser uma nova forma de inserção no capitalismo que adere ao capital, de forma mais velada, colocando o trabalho e o indivíduo como foco e excluindo a segregação proprietário x trabalhadores.

Em se tratando de cooperativismo, MARX E ENGELS (1961), inferem que “[...] os meios de trabalho não precisam ser monopolizados, servindo como um meio de dominação e de exploração contra o próprio operário; e que, assim como o trabalho escravo, e o trabalho servil, o trabalho assalariado é apenas uma forma transitória e inferior, destinada a desaparecer diante do trabalho associado que cumpre a sua tarefa a contento”.

Para os autores, a concepção e a evolução do cooperativismo vai bem mais além do que subverter os direitos de propriedade dos meios de produção aos trabalhadores. Com efeito, assim como assinala MESZÁROS (2002), MARX E ENGELS (1961) também inferem que é possível utilizar o cooperativismo como uma ação política contra o capitalismo e como forma de superação da alienação do trabalho, através da “expropriação dos expropriadores”, ou seja, através do controle global da produção pelos produtores/trabalhadores associados.

Há que se sublinhar ainda, que, o sistema capitalista domina os processos de fragmentação do trabalho, impondo aos trabalhadores atividades degradantes como trabalhar no

lixo, e outras tantas atividades, em sua maioria, informais. Não obstante, atualmente temas como autonomia, comércio solidário e autogestão são constantemente associados ao trabalho livre associado e a independência, como fossem práticas não subordinadas aos ditames do capital.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível observar que, o mundo do trabalho passa por constantes transformações, que vão desde a crise econômica em meio à sociedade capitalista excludente, evidencia-se o crescimento de um grupo social de indivíduos que não encontra lugar no mercado e busca na venda do lixo que catam uma alternativa de sobrevivência. Assim, a reciclagem tem se constituído como principal alternativa para o tratamento do lixo, mas mostra-se contraditória, pois mesmo beneficiando o meio ambiente, trazendo economia para o Estado, contraditoriamente, possibilita a exploração dos catadores de matérias recicláveis.

Nesse íterim, verifica-se, nos últimos anos, o surgimento de cooperativas populares de catadores de materiais recicláveis, que possibilitam a geração de renda e a redução do impacto ambiental do lixo urbano. As estratégias para a manutenção do poder pelo sistema capitalista fazem com que os trabalhadores do setor informal, muitas vezes, percam sua identificação de classe como trabalhador, se considerando até mesmo como autônomos, empreendedores, etc. No entanto, o que se percebe é que se mantêm a subordinação do trabalho, pois mesmo sendo autônomo ou inserido no setor informal está vinculado ao mercado e à lógica do grande capital.

Isso corre por que as cooperativas estão inclusas no modo de produção capitalista e acabam por traduzir-se em uma alternativa de resistência ao desemprego, porém, limitada, uma vez que, por mais que os trabalhadores sejam os donos dos meios de produção, estes não tem o controle da produção global. Nesse sentido, entendemos que em função do cenário regressivo, decorrente do avanço da barbárie, que culminou no aumento da exploração dos trabalhadores, muitas cooperativas se tornaram “reféns” do sistema capitalista, buscando na auto-exploração uma forma de sobrevivência.

Com o presente estudo tratamos de um tema relevante e atual cujos questionamentos não se esgotam aqui, o que nos leva a pensar em outras pesquisas nas quais possamos desdobrar o objeto que esteve em foco, no sentido de aprofundá-lo, com efeito. Estudar os catadores de materiais recicláveis em todas as suas dimensões, nos leva há um constante crescimento do conhecimento da realidade objetiva minada, pela questão social atual, com isso, abrimos

possibilidade de se realizar ações que visem contribuir para uma transformação da realidade posta ao conjunto desses trabalhadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988 – texto constitucional de 5 de outubro de 1988 .

Presidência da República. **Política Nacional de Cooperativismo**, Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971.

COELHO, Diego Bonaldo e GODOY, Arilda Schmidt. **De catadores de rua a recicladores cooperados: um estudo de caso sobre empreendimentos solidários**. Rev. De Adm. Púb. Rio de Janeiro, 2011, vol.45, n.3, pp. 721-749. Disponível em< <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 05 jul. 2012.

CUNHA, G.C. **Dimensões da luta política nas práticas de economia solidária**. In: SOUZA, A.R.; CUNHA, G.C.; DAKUZAKU, R.y. (Org.). **Uma outra economia é possível**. São Paulo: Contexto, 2003.

GONÇALVES, Rúbia Cristina Martins. **A voz dos catadores de lixo em sua luta Pela sobrevivência**. Dissertação (Mestrado). Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará, 2005.

GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. **A catação de lixo como (de)formação da criança como ser social**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará, 2006.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**, 2008. Rio de janeiro, 2000. Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

_____. **Atlas de saneamento**. Rio de janeiro, 2000. Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura. **Mais que sobras e sobrantes: trajetórias de sujeitos no lixo**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ. 2005.

MAGERA, Márcio. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. 2ª ed. São Paulo: Átomo, 2005.

MARX, Karl, **O Capital: crítica da economia política**. Apresentação de Jacob Gorender; coordenação de revisão de Paul Singer; tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. – 2. ed. Capítulo XXIII – São Paulo: Nova Cultural, 1985.

Marx & Engels. **Obras Escolhidas**, Rio de Janeiro, Editorial Vitória, 1961. p. 318 e 320.

MEDEIROS, Luiza Ferreira de Rezende; MACEDO, Kátia Barbosa. **Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 3, n. 2 Disponível em< <http://www.rbgdr.net>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

MEIRELES, Gustavo Fernandes. **Entre refugos precarizantes e refugos precarizados: precarização e catação de materiais recicláveis em Fortaleza**. Fortaleza, 2009.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. Campinas: Editora da Unicamp/Boitempo, 2002.

MNCR – **Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis**. Sítio virtual oficial do movimento. Disponível em: < <http://www.movimentodoscataadores.org.br> >. Acesso em: 17/10/12.

SILVA, R. B. **O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis: Atores, Governança, Regulação e Questões Emergentes no Cenário Brasileiro**, Interthesis, Florianópolis, Jul/Dez 2006.

SINGER, Paul. **As grandes questões do trabalho no Brasil e a economia solidária**. In: PROPOSTA, Rio de Janeiro: Fase, no. 97, jun/ago, 2003.

SINGER, P. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. Petrópolis: Vozes, 1998.
_____. **Economia solidária: um modo de produção e distribuição**. In: SINGER, P.; SOUZA, A.R. (Org.). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.